

# MICROSCÓPIO

Faz hoje cinco anos que estalou a maior e mais desastrosa de todas as guerras. Nunca os engenhos de destruição alcançaram tamanho poder, nem foram empregados com tanta indiferença dos princípios humanitários. Estremece o coração sómente com imaginar, aqui, a distância, o desaparecimento de milhões de vidas humanas, o fantástico aniquilamento de riquezas, os inenarráveis sofrimentos das populações, que viram suas terras invadidas e taladas.

Devera bastar este espetáculo horrendo, a que assistimos, dia por dia, hora por hora, com o coração oprimido e revoltado, para instilar, no ânimo dos dirigentes dos povos, a sincera e tenaz determinação de estabelecer em amplas e sólidas bases a paz internacional. E, quando não bastasse esta imensa tragédia, a previsão do que será fatalmente a próxima grande guerra, muito mais cruel e devastadora do que a atual, deveria chamar à consciência das suas tremendas responsabilidades os homens que vão fazer a paz.

Em vão hão-de querer os sofistas separar o tratado de paz da nova organização do mundo: primeiro, dizem eles, o ajuste de contas e, depois, mais tarde, o início da nova era. Paz e guerra são questões indivisíveis: condicionam-se mutuamente e formam um círculo vicioso que é necessário romper no ponto favorável — o do restabelecimento da paz. Da que se fizer agora, dependerá haver ou não outras guerras, no sentido preciso do termo: Utilização arbitrária, ilegal e criminosa da força armada.

Este é o tema que deveram meditar os estadistas, ao começar o sexto e, certamente, último ano de guerra. Digo os estadistas, porque os povos, estes já perceberam a verdade com o seu instinto.

RAUL PILLA.